

Mudanças e Tendências em Geografia Humana

M. J. STANLEY *

HUMAN GEOGRAPHY: evolution or revolution? Michael Crisholm. Hardmonds-worth: Penguin Books, 1975. 207 p. Sketch—maps, diagr. bibliogr. 20 cm, Pelican Geography and Environmental Studies.

Um livro que se encarrega de um assunto tão vasto como “geografia humana”, em apenas 200 páginas e a um preço modesto, pode ser suficientemente raro para despertar suspeitas em um mundo repleto de publicações grandes, sofisticadas, caras e decepcionantes. O título do livro do professor Chisholm coloca a questão “evolução ou revolução”, abordada em 5 capítulos principais: “Origens”, que é a história do pensamento geográfico, em que muitas lâmpadas antigas se prestam a lançar uma nova luz, especialmente útil aos que, até então, não se importavam com antiguidades; 2 capítulos sobre “padrões”, um estático e outro dinâmico; em seguida, teorias de estrutura e processo; e, finalmente, um retrospecto de perspectivas.

Se uma questão tão básica como “evolução ou revolução” precisa ser colocada, é provável que se queira saber se aconteceu algo de extraordinária significação. Chisholm responde que a grande mudança está na importância da “descrição” nos estudos geográficos. Talvez seja a palavra “descrição” que cause a confusão. Equívocos em relação ao conceito de “descrição geográfica” se insinuaram recentemente entre nós. Tais equívocos parecem relacionar descrição com forma e supor que, pelo fato de forma e processo serem nitidamente diferentes, o interesse pelo processo é um fenômeno da década passada. É difícil acreditar que muitas pessoas se considerariam geógrafos se seu interesse real básico tivesse sido a descrição da forma.

* O autor do comentário é conferencista do Departamento de Geografia da Universidade de Edinburgh. Transcrito do *The Geographical Journal*, vol. 143, parte 1, março de 1977, com autorização da Royal Geographical Society.

O professor Chisholm acredita que a procura racional de uma explicação e de sua concomitante previsão constitui a grande revolução intelectual dos tempos pós-medievais. A previsão é, freqüentemente, o centro das divergências: ela aparece sob tantos disfarces, motivando alguns e repelindo outros. Qual a relação entre o que é e o que deve ser? A função do estudioso, incentivado por "contratos de pesquisa" e "consultorias", é a de aventurar-se no campo do planejamento? O fato de que as pessoas intimamente ligadas ao "modernismo" acreditem que "há vários tipos de explicação que podem ser encontradas e que a previsão não é o único tipo compensador, faz com que se espere que uma linha de pensamento seja seguida, especialmente neste caso.

Na maioria das vezes, os maiores problemas são antigos: como deduzir, a partir de padrões espaciais observados, a seqüência causal dos processos? A principal e, ao mesmo tempo, a mais vulnerável preocupação dos geógrafos refere-se a tais padrões: qualquer coisa que pareça dedução, exclusivamente a partir de padrões observados, despertará críticas. Eis o ponto crucial do problema não só para a geografia como também dentro dela. A geografia lida com padrões registrados em épocas específicas ou o mais próximo possível dessas épocas. Os padrões observados são simplesmente os adotados durante um período mais ou menos limitado, dentro da seqüência de tempo de sua existência total; como diz Chisholm "o método histórico que supõe que dispor acontecimentos em ordem cronológica significa explicá-los, é, sem dúvida, inadequado". Mas deve-se admitir que, à medida que são observados, os fenômenos ocorrem como resultado de uma seqüência de acontecimentos que lhes pode ser peculiar, ou que, em qualquer circunstância, a análise revelará causas imediatas ou constantes, de modo que os processos e métodos da análise histórica de cada circunstância específica, se não forem irrelevantes, serão desnecessários. Não há dúvida de que foi tal atitude que deu ao determinismo ambiental extremo um certo poder de atração.

A afirmação de que "não é nenhuma surpresa o fato de que a abordagem histórica tenha sido e continue a ser parte integrante da maioria dos trabalhos geográficos" sugere que, na verdade, este fato é uma surpresa para o professor Chisholm (não há nada de histórico em relação aos mais importantes "focos emergentes" a ele sugeridos em 1971). O teste é: que método explica a maioria dos padrões? Muitos dos mais recentes métodos não foram aplicados a problemas mais antigos, mas sim a novos problemas, escolhidos, presumivelmente, por serem adequados à aplicação exigida pelo método. Visto que a série de problemas que atraíram a atenção dos geógrafos ou, pelo menos, suas atividades literárias, levou-os a um território desconhecido, até mesmo os mais permissivos devem ter deixado que a pergunta irrespondível "isso é geografia" entrasse em suas mentes. A perfeição de uma metodologia não justifica necessariamente seu uso e não justifica, certamente, a inclusão de problemas em uma disciplina acadêmica pelo simples fato de que o método mais adequado ao problema tenha sido desenvolvido por alguém que se considera membro desta disciplina. A definição anglicana "a geografia é o que os geógrafos fazem", tem sido vítima de excessos por certas pessoas que ainda querem ser chamadas de geógrafos. É óbvio que metodologia e filosofia estão intimamente ligadas.

Esse livro fornece a mais elegante exposição sobre a matéria da geografia, ontem e hoje, e apresenta muitos dos métodos de análise normalmente usados, estando, em geral, ocultas em outros textos as razões deste uso. Em minha opinião, o livro é interessante, estimulante, cheio de pensamentos modernos e afirmações que dão o que pensar.